

## **AVALIAÇÃO: UM INSTRUMENTO A SERVIÇO DA APRENDIZAGEM**

Geraldo Niza da Silva; Ophelia Amélia Simões Gielfi; Cezar Antonio da Silva Paulucci (EE Antonio Marin Cruz – Marinópolis – SP); Mario Susumo Haga; Kuniko Iwamoto Haga. (FE-UNESP Campus de Ilha Solteira).

### **RESUMO**

O projeto proposto teve como objetivo, utilizar a própria avaliação para fins de aprendizagem dos alunos, o qual está sendo desenvolvido desde o segundo semestre de 2007. Para treinamento dos professores, foi escolhida a sala da 1ª série do ensino médio do período do diurno. A sala foi dividida em 5 grupos, os quais foram formados a partir de coordenadores voluntários. Durante os dois bimestres, os professores de todas as componentes curriculares da sala elaboraram uma prova, abrangente a toda a matéria e dividida em cinco diferentes filas para que cada elemento do grupo resolvesse uma prova diferente. Após a realização da prova de aplicação o coordenador recebeu as cópias das provas resolvidas de seu grupo, sem correções e sem gabarito, que constituiu como material de estudo para reaplicação. Na reaplicação, os alunos receberam provas diferentes daquelas da aplicação, exceto alguns casos. No início os alunos tiveram dificuldade para organizar as reuniões em grupo em horário contrário, mas superaram. Os professores também tiveram dificuldade no início, principalmente para elaborar as provas com questões articuladas, sem perder a objetividade e, de preferência, contextualizada. Os resultados, na forma de notas bimestrais, mostraram uma melhora no desempenho dos alunos e também alterou a dinâmica de estudo na Escola.

**Palavras Chaves: avaliação, ensino aprendizagem, desempenho dos alunos.**

### **INTRODUÇÃO**

A prática avaliativa dos professores nessa unidade escolar, a partir do momento que cheguei, teve como objetivo principal constatar o quanto o aluno aprendeu daquilo que foi estudado, ou que se pensa que foi após certo período: mensal, bimestral, semestral ou anual, com toda a

subjetividade e deficiências quanto à abrangência.

Na verdade esses objetivos nunca foram muito claros para os professores, por dificuldades de formação inicial e continuada e desinteresse em aprofundar estudos sobre o tema.

Dessa forma cada professor elaborava suas provas sem parâmetros comuns entre si e desarticulados do objetivo da proposta pedagógica escolar.

Quanto à forma, não existia um padrão; eram elaboradas de acordo com a consciência e conveniência de cada professor, pois não havia convenção a esse respeito.

As questões das provas variavam de perguntas curtas, tipo questionário, questões objetivas, de completar, até questões discursivas bem elaboradas e contextualizadas.

Os enunciados das questões também variavam de professor para professor, uns bem claros, outros confusos, de difícil interpretação pelos alunos. Também variavam muito quanto ao número de questões.

Alguns professores eram fiéis aos temas estudados cobrando na prova o que havia trabalhado, outros não, às vezes os alunos reclamavam de questões sobre temas desconhecidos.

O que observei durante os três primeiros anos de trabalho nessa unidade escolar, foi o uso da avaliação meritocrática e certificatória, com poucas contribuições para a melhoria da aprendizagem.

Esse tipo de avaliação fez e faz parte de uma cultura do sistema escolar e está arraigada na prática da maioria dos professores, e por isso também, difícil de ser mudada. É uma avaliação estanque condizente com a educação técnica praticada nas décadas da industrialização brasileira.

Atualmente, devido à globalização e do avanço tecnológico dos processos produtivos que demanda uma formação ampla, esse sistema de avaliação já não atende mais aos anseios da comunidade.

## **AVALIAÇÃO TRADICIONAL: PRÓS E CONTRA**

Do ponto de vista da maioria dos professores, a avaliação tradicional é mais prática, termina na constatação de um “certo aprendizado” e atribuição de uma nota; não há o trabalho de retomada do que não foi

aprendido pelo aluno. E como os professores são sobrecarregados com cargas horárias extensas esse tipo de avaliação é mais adequado ao seu tempo de trabalho.

Para o aluno com facilidade de aprendizagem essa avaliação não trás maiores conseqüências, adquire os conhecimentos básicos necessários para prosseguimento de estudos.

Também é viável para o sistema capitalista vigente, pois a escola classifica os “melhores” que logo são absorvidos pelo mercado de trabalho.

Porém, apresenta alguns pontos negativos: não há estudos posteriores às provas para aqueles alunos com dificuldades em aprender os conteúdos básicos necessários, que geralmente serão reprovados sucessivas vezes até abandonarem a escola ou são aprovados sem aprendizagem e, em ambos os casos, terão dificuldades no trabalho. Outro aspecto negativo da avaliação escolar não se refere ao sistema de avaliação, mas a falta de padronização dela quanto à forma, tema, enunciado, número de questões e desarticulação com a proposta pedagógica. Essa “liberdade” na elaboração das provas dificulta o acompanhamento dos gestores no levantamento de dados mais precisos da qualidade do ensino oferecido aos alunos.

Acredito que esse tipo de avaliação cumpriu seu papel de acordo com a conjuntura de algumas décadas passadas, não se adequando mais ao tempo atual, com aprendizagem de conceitos amplos e complexos. As classificações meramente hierárquicas e de certificação devem ser substituídas pelo desenvolvimento de competências e habilidades necessárias para o bom desempenho profissional de todos os alunos.

Embora gestores e alguns professores já tivessem essa percepção sobre a avaliação tradicional, as mudanças ainda não ocorreram pelas dificuldades do próprio sistema de ensino oficial em sua operacionalização, por ser muito agigantado e nunca ter proposto essa mudança de fato para suas escolas, apenas sugerindo estudos esporádicos sobre o tema.

Há muito essa avaliação nos incomoda e a maior insatisfação está no fato de se constatar as deficiências de aprendizagem e não tomar nenhuma providência para corrigi-las. É bom lembrar que os gestores e alguns professores, por iniciativa própria, já vinham retomando conceitos

não aprendidos com os alunos sem que isso caracterizasse mudança no sistema de avaliação.

A falta de padronização das avaliações, de questões melhor elaboradas, de sintonia com a proposta pedagógica e de um acompanhamento mais sistemático dos gestores também é um fator determinante na qualidade do ensino oferecido.

A nosso ver, a avaliação praticada na escola deveria ser efetivamente um instrumento importante para a aprendizagem dos alunos além de cumprir com as suas funções tradicionais e ser aplicada exaustivamente até que todos os alunos dominassem as competências e as habilidades básicas programadas para cada nível de ensino.

Os professores deveriam ter autonomia para avaliar seus alunos durante o processo de ensino e aprendizagem e irem revendo com eles aquilo que não foi aprendido. E apenas nas provas bimestrais fariam a aplicação e reaplicação de uma prova padronizada e revisada pelos gestores, considerada para cumprimento da legislação vigente.

O Estado que, através de seus órgãos centrais gerencia seu sistema de educação deveria utilizar instrumentos mais ágeis para adequar a educação com a evolução que ocorre nas outras áreas procedendo adaptações constantes no sistema de avaliação.

Pensando em uma avaliação mais adequada para os alunos de hoje, com acesso aos avanços tecnológicos, mas com consciência e compromissos na própria aprendizagem, o projeto avaliação teve com objetivo utilizar a avaliação no processo ensino aprendizagem.

## **METODOLOGIA**

Para ações desta natureza com alunos, a intuição, os sentimentos, as emoções e até mesmo os palpites dos professores são importantes. Entretanto, é fundamental que os professores tenham bases teóricas consistentes. Assim, este artigo se refere aos trabalhos desenvolvidos na escola, com apoio da Coordenação Pedagógica e da Direção, fundamentados em princípios e teorias de matérias de publicação como a de "Avaliação Formativa" (ABRECHT, 1994), "Fundamentos de avaliação formativa: os conflitos e as conciliações entre as diferentes lógicas"

(HAGA E HAGA, 2007), “Uma Teoria de Educação” (NOVAK, 1981) e “A Avaliação: Da Excelência à Regulagem das Aprendizagens – Entre Duas Lógicas” (PERRENOUD, 1999). E, este último livro e “A Avaliação: Da Excelência à Regulagem das Aprendizagens – Entre Duas Lógicas” (PERRENOUD, 1999) foi adotado como principal referencial teórico do projeto juntamente com o artigo “Fundamentos de avaliação formativa: os conflitos e as conciliações entre as diferentes lógicas” (HAGA E HAGA, 2007).

Os capítulos do livro de P. Perrenoud foram atribuídos para cada professor participante estudar e apresentar seu conteúdo para os demais participante em forma de seminários. Entretanto, os professores foram orientados para que se observasse, não somente a “convivência mais ou menos pacífica” das diferentes lógicas da avaliação formativa e as da somativa defendida por P. PERRENOUD, mas promovendo uma efetiva conciliação entre estas duas lógicas (HAGA e HAGA, 2007) e muito menos a de substituir a somativa pela formativa, preocupação de R. SCRIVEN, criador da avaliação formativa segundo R. ABRECHT (1994).

Nossa pretensão foi a de aproximar ao máximo a avaliação de um instrumento importante no auxílio à aprendizagem dos alunos, portanto, distanciando-a de meros instrumentos para fins de classificação e de certificação dos alunos. Sabemos, no entanto que isso levará tempo, comprometimento e muito esforço, pois, o tipo tradicional de avaliação está muito arraigado na sociedade e muito integrado aos componentes culturais da sociedade em geral.

O projeto avaliação proposto para ser desenvolvido na escola a partir do ano de 2007, em uma parceria com a UNESP, na qual a universidade entrou com as orientações e fundamentação da avaliação formativa e a escola como campo de pesquisa.

Para alcançar os objetivos do projeto avaliação, também foi necessário melhorar a qualidade das provas quanto a sua elaboração, com questões contextualizadas, articuladas com os temas estudados e integradas à proposta pedagógica escolar.

O projeto teve início com as discussões e orientação dos professores da universidade. Prosseguindo com reuniões com professores, com os pais de alunos e com os alunos da primeira série do ensino médio para explicar a nova metodologia de avaliação a ser

implantada.

O processo de aplicação da avaliação diferenciada na sala iniciou-se com a formação de 5 grupos a partir de 5 coordenadores voluntários, que formou a sua equipe utilizando a afinidade entre eles. Esses grupos ficaram incumbidos de se organizar para estudos principalmente no período entre a de aplicação e de reaplicação das provas.

O coordenador ficou responsável por organizar com seu grupo os locais e horários de estudo.

Os professores elaboram cinco provas diferentes, A, B, C, D e E, com quatro questões discursivas e abrangentes à totalidade do conteúdo cuja aprendizagem seria cobrada dos alunos em estudo aberto. Cada prova, com questões diferentes de uma prova para outra, na aplicação, foi resolvida por cada aluno do grupo. Para o grupo com mais de cinco alunos, foram aplicadas provas repetidas.

Após a aplicação as provas foram xerocadas, provas resolvidas, sem correção e sem gabarito, foram devolvidas para o grupo para que se preparassem em estudos dirigidos pelas questões de todas as provas de aplicação. Uma semana depois da prova de aplicação, foi feita a reaplicação com provas diferentes para cada aluno do grupo em relação à aplicação. Assim, poderia obter maior alcance de aprendizagem do que pelas provas tradicionais com um grupo seletivo de questões, nunca abrangentes à totalidade da matéria trabalhada.

Para o cálculo da média bimestral, as provas da aplicação valerem sessenta por cento e a reaplicação quarenta por cento.

Com esta estratégia, esperou-se que houvesse melhor aprendizagem, já que desta maneira, a avaliação não se encerra com a aplicação da prova, oferecendo aos alunos oportunidade para que pudessem aprender a maioria dos conceitos estudados e cobrados em provas. A expectativa foi a de que todos os envolvidos assumissem o compromisso em levar adiante esse sistema e que no futuro tenhamos resultados melhores que aqueles apresentados através da avaliação tradicional.

## **RESULTADOS**

Ainda é cedo para se falar em evolução, pois, o projeto teve início em 2007 com uma 1ª série do ensino médio, que hoje se encontram na 3ª série, porém estes alunos não passaram ainda por nenhuma avaliação externa, que na escola pública tem sido o indicador da aprendizagem.

E o índice das avaliações de aprendizagem aplicado pelos professores também não tem outros parâmetros comparativos. Esses alunos passarão pelo ENEM e SARESP no segundo semestre de 2009, só a partir daí poderemos compará-los com resultados de outros alunos que tiveram apenas avaliação tradicional. Mesmo assim, percebe-se entre alunos, professores e pais uma melhoria na satisfação e confiança na escola.

Os resultados positivos que já se pode constatar foram a melhoria na qualidade das avaliações aplicadas pelos professores. As provas passaram a ser mais contextualizadas com textos e imagens de apoio. Outro aspecto importante foi a melhoria das avaliações das outras séries do ensino fundamental e médio que não fizeram parte do projeto, aparentemente devido ao contato entre os professores participantes e não participantes do projeto.

Verificou-se também mudança no hábito de estudos por parte dos alunos envolvidos no projeto. Até então não se percebia alunos estudando em grupos na escola no contra turno. Atualmente é comum vê-los estudando no pátio e na biblioteca, entre o período de aplicação e de reaplicação das provas. Porém, ainda não os vimos estudar antes da aplicação. As estratégias devem ser aprimoradas.

Sentimos que a crença dos alunos em ter uma escola pública de qualidade cresceu. Atualmente vários alunos do ensino médio estão pensando em prestar vestibular em universidades públicas. Outro ponto importante a observar foi a autonomia dos alunos no hábito de estudos após o início desse projeto e a procura de auxílio dos professores fora de seus horários habituais de aulas.

As primeiras dificuldades encontradas pelos alunos nesse processo foram em reunirem-se para estudar para as provas; alguns alunos trabalham e não têm tempo de vir no contra turno, principalmente os do período noturno.

Já os professores encontraram dificuldades no início, na elaboração das provas de acordo com o padrão de qualidade estabelecido. As

dificuldades foram em informática, em elaborar questões de acordo com os temas estudados, em compor as notas bimestrais e na demora para preencher as planilhas para coleta de dados. Atualmente muitas dessas dificuldades já foram superadas.

Os gestores tiveram dificuldades iniciais em entender, de organizar o calendário de provas, de divulgar todo o processo aos professores, além da morosidade em organizar e enviar os dados para a universidade.

## **CONCLUSÃO**

Embora os professores ainda tenham alguma dificuldade na elaboração das provas conforme padrão de qualidade, estipulado e articulado com a proposta pedagógica da escola, percebe que o processo foi bem aceito, houve cumplicidade da maioria dos professores refletindo na qualidade das provas. Essa melhoria na qualidade das provas se expandiu para outras séries que não estão no projeto.

Foi observado entre os alunos sentimentos e ações que demonstram mais confiança na escola. Porém ainda não está havendo uma análise mais profunda dos dados obtidos para realimentação com os alunos e isso não tem chegado à sala de aula, pois a mudança no processo de avaliação precisa vir acompanhada de mudanças na prática pedagógica dos professores, mais diálogo com os alunos e uma filosofia pautada no sucesso do aluno e não no fracasso.

Além da melhoria nos aspectos já citados, esperamos melhorar a aprendizagem dos alunos e como consequência obter melhor situação nas avaliações externas (SARESP, PROVA BRASIL e ENEM), o que já vem ocorrendo. Mas, mais do que isso, a proposta tem como objetivo formar alunos que reconheçam e conheçam o mundo que vive para mudá-lo para melhor, que tenham autonomia para gerenciar a qualidade de suas vidas, que acessem as universidades públicas de qualidade e que consigam mudar o rumo de suas vidas e viverem com dignidade.

## **REFERÊNCIAS**

ABRECHT, R... Rio Tinto/Portugal: Edições Asa. 1994.



HAGA, M.S.; HAGA, K.I., **Fundamentos de avaliação formativa: os conflitos e as conciliações entre as diferentes lógicas**. Anais do IX Congresso Estadual Paulista para Formação de Educadores, Águas de Lindóia, SP, CD-ROM. 2007.

HOFFMANN, J. **Avaliação: mito e desafios: uma perspectiva construtivista**. Mediação, Porto Alegre. 1991.

NOVAK, J.D., **Uma Teoria de Educação**. Tradução de Marco Antônio Moreira, Livraria Pioneira Editora, São Paulo, 1981.

PERRENOUD, P. **A Avaliação: Da Excelência à Regulagem das Aprendizagens – Entre Duas Lógicas**. Rio Grande do Sul: Artes Médicas. 1999.